



EXPOSIÇÃO TÁTIL: contribuições para uma formação docente inclusiva

Maria Quitéria da Silva
quiteria.1000@hotmail.com

Eliane Cristina Moraes de Lima
tianecrislima66@gmail.com

Neiza de Lourdes Frederico Fumes
neizaf@yahoo.com

RESUMO

Este artigo traz uma reflexão acerca da formação inicial do professor no tocante à inclusão de pessoas com deficiência e evidencia as possibilidades formativas de um projeto de sensibilização – a exposição tátil, realizada pelo Núcleo de Acessibilidade da Ufal. Nessa perspectiva, teve como objetivo apreender as significações constituídas por estudantes de licenciaturas acerca da utilização dos elementos da exposição tátil “O mundo em nossas mãos” para inclusão de alunos com deficiência visual e suas possibilidades para a formação inicial. Essa pesquisa se fundamenta na Psicologia Sócio-Histórica (PSH), em que 12 estudantes de diversas licenciaturas participaram e que a produção de dados se deu através da entrevista estruturada. Para análise foi utilizada a técnica dos Núcleos de Significação (NS). Foi construído o NS “A gente tem agora um outro olhar”. Os resultados evidenciaram que a exposição tátil proporcionou aos participantes se colocar no lugar da pessoa cega, ainda que momentaneamente, e conhecer as suas dificuldades. Um dos indicadores discutido foi referente à formação docente e constatou que em termos de educação inclusiva, essa era incipiente na formação inicial. A formação docente, sobretudo a inicial, não traz elementos suficientes para a promoção de uma prática pedagógica inclusiva. Então, concluiu-se que a exposição tátil trouxe contribuições nesse âmbito, despertou nos participantes um novo olhar para a inclusão, com os recursos pedagógicos que possibilitaram a participação e a interação de todas as pessoas, independentemente de ter deficiência ou não.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Docente. Recursos Pedagógicos. Inclusão.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos com deficiência no âmbito educacional tem sido um tema de ampla discussão nos últimos anos. Mesmo com as políticas inclusivas existentes, ainda assim, existem muitas barreiras que impedem o acesso e a permanência desse alunado nas instituições de ensino. Inclusive, no que tange à formação inicial do professor, constata-se que essa é ainda incipiente, pois não dá subsídios para construção de uma prática pedagógica inclusiva.

De uma forma geral, podemos afirmar que é uma formação que deixa muito a desejar quando se trata da inclusão de alunos com deficiência,

Sabemos da necessidade de os cursos de formação de professores serem reorganizados de forma que atendam às necessidades do mundo atual, das peculiaridades culturais, sociais, econômicas, físicas e biológicas dos alunos, especialmente daqueles que possuem necessidades educacionais específicas (NOZI; VITALINO, 2015, pp. 131-132).

Em conformidade com as autoras, a formação inicial é bastante fragilizada, ainda mais no tocante aos saberes pedagógicos referentes ao público alvo da Educação Especial¹.

Corroborando, Tassa e Cruz (2016, p. 126) declaram que “de maneira geral, as Licenciaturas ainda não estão preparadas para desempenhar a função de formar professores com uma orientação inclusiva de atuação profissional”. Diante dessa afirmação, os estudantes de licenciaturas necessitam de formações complementares que lhe tragam conhecimentos para construção de uma prática pedagógica inclusiva.

Além dos saberes pedagógicos adquiridos na formação, a prática docente é imbuída de sentido e significado construídos no decorrer do tempo e a partir das relações sociais. “o que pode vir-a-ser e fazer depende dos significados sociais compartilhados e dos sentidos produzidos sobre sua realidade objetiva e subjetiva” (MARTINS, 2015, p. 13463). Assim, toda ação docente é tensionada pelos sentidos e significados constituídos no decorrer das suas experiências.

Para Asbahr (2014, p. 268) “Os significados são mais estáveis, já os sentidos modificam-se de acordo com a vida do sujeito e traduzem a relação do sujeito com os fenômenos objetivos conscientizados”. Na mesma perspectiva Marques e Carvalho (2017, pp. 4-5) reiteram que,

Enquanto os *significados* implicam generalizações e, por isso, são mais fixos e cristalizados pela cultura, os *sentidos*, embora também sejam produzidos historicamente, porque têm a mediação do social, revelam construções pessoais ligadas aos aspectos afetivos.

Assim, prática pedagógica inclusiva implica em elementos cognitivos, afetivos e sociais constituídos pelo sujeito, resultando na sua subjetividade e que vai permear suas ações. Então, compreende-se que o fazer docente é resultado também da subjetividade do sujeito, constituída das suas significações.

¹ Neste trabalho nos reportaremos especificamente ao aluno com deficiência visual.

Quando se trata de prática pedagógica inclusiva que envolve as pessoas com deficiência visual, observa-se que o despreparo docente é notório, tendo em vista que os recursos pedagógicos utilizados por muitos professores em sala de aulas, como instrumentos de facilitação da aprendizagem, são essencialmente visuais.

Nesse contexto, existe a necessidade de adequação desses recursos pedagógicos, principalmente quando alunos com deficiência visual fazem parte da turma. Segundo Dias e Vieira (2017, p. 180), “para a aprendizagem das pessoas cegas, o sentido da audição e do tato são considerados mais relevantes (...)”. Desse modo, se faz necessário utilizar recursos de aprendizagem que priorizem os demais sentidos e não apenas a visão.

Sendo o professor o agente mediador da aprendizagem, é preciso ter ao menos um conhecimento mínimo acerca do aprendizado do aluno cego ou com baixa visão. Gonçalves (2017, p. 65) traz a seguinte reflexão:

Acreditamos, tal como destaca Vygotsky, que o estímulo, bem como o uso dos instrumentos adequados, pode potencializar a capacidade de os cegos usufruírem de um desenvolvimento normal de suas habilidades. Tal estímulo deve ter em vista outros caminhos pedagógicos que contemplem o uso de capacidades diversas por parte do cego, não perdendo, assim, a possibilidade legítima que tem de acesso à formação por meio da instrução e, finalmente, a construção de seu conhecimento. Assim, entendemos que o trabalho do professor é fundamental na busca por caminhos para romper com o atual paradigma educacional do ensino igual para todos.

Dessa maneira, o professor é fundamental nesse processo de mediação. Sobre essa categoria, Aguiar e Ozella (2013, p. 302) explicam que “o homem, ser social e singular, síntese de múltiplas determinações, nas relações com o social (universal) constitui sua singularidade através das mediações sociais (particularidades/circunstâncias específicas)”. Pois, é nessa relação, utilizando os elementos semióticos, que o sujeito apreende a realidade. E, no que tange ao cego, a mediação necessita de elementos que atendam a sua especificidade.

Por sua vez, os cursos de licenciaturas deveriam dar subsídios necessários para preparar o futuro docente para atender ao alunado diverso, incluindo estratégias e recursos variados.

No intuito de contribuir com esse conhecimento, o Núcleo de Acessibilidade da Universidade Federal de Alagoas realizou uma Exposição Tátil, em que tanto a comunidade acadêmica quanto a comunidade em geral, puderam vivenciar em condição de cegueira, ao mesmo tempo em que se pode utilizar prioritariamente o

tato como via de apreensão do conhecimento, visto que, o visitante estava vendado para experienciar, ainda que minimamente, o universo do cego.

Em atenção à lacuna existente na formação inicial dos docentes no que se refere à inclusão das pessoas com deficiência, esse artigo objetivou apreender as significações constituídas por estudantes de licenciaturas acerca da utilização dos elementos da exposição tátil para inclusão de alunos com deficiência visual e suas possibilidades para a formação inicial.

2 METODOLOGIA

Essa pesquisa se fundamenta na Psicologia Sócio-Histórica (PSH), mais especificamente nos princípios do método de Vygotsky. “Sua proposta era que se estudasse o ser humano em sua totalidade, tomando-se como central a relação social dialética e de interdependência em sua constituição” (SOUZA; ANDRADA, 2013, p. 356).

2.1 SUJEITOS DA PESQUISA

Foram entrevistados 12 estudantes de cursos superiores de Licenciatura (8 de Pedagogia; 01 de História; 01 de Química; 01 de Educação Física e 01 de Letras/Libras), que passaram pela experiência de vivenciar a exposição tátil “O mundo em nossas mãos”.

2.2 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na Universidade Federal de Alagoas, em uma sala fechada, em que cada participante só pôde entrar com os olhos vendados.

2.3 INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS

O instrumento utilizado para a produção dos dados foi a entrevista estruturada.

2.4 PROCEDIMENTOS PARA PRODUÇÃO DE DADOS

Inicialmente foi prestado todo esclarecimento da pesquisa ao participante que, ao aceitar participar assinou o termo autorizando utilização dos seu dados e imagem para fins de pesquisa acadêmica. Em seguida, antes de adentrar na sala da exposição, o participante foi vendado e guiado por um bolsista do NAC para vivenciar a exposição. Ao adentrar na sala da exposição se deparou com algumas formas geométricas de diversas dimensões e texturas, logo após foi direcionado a um painel com o mapa mundi, em que os continentes estavam dispostos com texturas diferenciadas. Na sequência, o participante pode segurar o mundo nas mãos, ou seja, pôde tatear o globo terrestre como os continentes em que se apresentavam nas mesmas texturas que estavam no mapa mundi. Ainda com o planeta Terra na mão, o participante com o auxílio de um guia tátil no piso e da orientação do bolsista fez o movimento de rotação e translação da Terra. Posteriormente, o participante passeou pelo sistema solar, tendo o sol como referência, conheceu cada planeta em órbita observando sua distância, tamanho. Só depois dessa vivência, ainda vendado, foi feita a entrevista gravada com os participantes. Só depois da entrevista, o participante pôde retirar a venda.

2.5 ANÁLISE DE DADOS

Para análise dos dados utilizamos os Núcleos de Significação (NS) propostos por Aguiar e Ozella (2013). Esses autores teorizam que:

Essa reflexão metodológica sobre a apreensão dos sentidos estará pautada em uma visão que tem no empírico seu ponto de partida, mas com a clareza de que é necessário irmos para além das aparências, não nos contentarmos com a descrição dos fatos, mas buscaremos a explicação do processo de constituição do objeto estudado, ou seja, estudá-lo em seu processo histórico (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 301).

O processo de análise se deu da seguinte maneira: Após a transcrição das gravações dos áudios, foram feitas as leituras flutuantes, a partir de então formados os pré-indicadores, agrupando as frases que tinham mais carga emocional, relevância ou repetição. Depois, observando os pré- indicadores, aglutinamos os termos que tinham complementaridade, contraposição ou similaridade, formando assim os indicadores. E, posteriormente, articulamos esses indicadores e formamos dois NS. Porém, para este trabalho apresentamos apenas um deles, o qual foi nomeado conforme a fala de um dos participantes da pesquisa: “A gente tem agora um outro olhar”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO – “A GENTE TEM AGORA UM OUTRO OLHAR”

O NS em evidência englobou dois indicadores sendo um deles correspondente a experiência de se colocar no lugar da pessoa cega e o outro a formação na perspectiva inclusiva. Assim, abordou as dificuldades e as ações pedagógicas relacionadas à prática docente no que tange à pessoa com deficiência visual. Abordou ainda a sensibilização de olhar para o outro.

Os pré-indicadores a seguir revelaram o que pensam os licenciandos após vivenciarem a exposição tátil:

É uma sensação de você se colocar realmente no lugar do outro (L 2, PED).

Importante para qualquer tipo de público (L 4, QUI).

É muito difícil você realmente se colocar no lugar delas [pessoas com deficiência visual] (L 8, HIS).

Eu fiquei imaginando o tempo todinho, a dificuldade que ele [cego] sente na sala de aula por não poder compreender os assuntos que os professores passam (L 9, PED).

Para os licenciandos, a experiência de se colocar no lugar da pessoa cega foi importante, porém, é preciso chamar a atenção que não tem como se sentir uma pessoa cega. É apenas um ensaio e apenas momentâneo. Capellini (2003, p. 5) reflete que “A capacidade de se colocar no lugar do outro se constitui em uma tarefa muito difícil, mas através dela [há] a possibilidade de respeitar as diferenças do outro e conviver melhor com as suas próprias diferenças aumenta muito”.

Considerando a colocação da autora supracitada, entende-se que propor ou participar de atividades que vivencie, ainda que minimamente, como as pessoas com deficiência vivem a realidade é uma alternativa para despertar o conhecimento sobre o assunto e desmistificar os preconceitos incutidos através do meio social. Tendo em vista que “cada vez mais nos deparamos com uma enorme diversificação nas salas de aulas e com isso, faz se necessário pensar na prática profissional do docente como mola propulsora no processo de inclusão” (GONÇALVES, 2017, p. 22528).

Outro aspecto presente na fala dos sujeitos foi que a exposição traz acessibilidade para o aluno cego, o que possibilita sua inclusão na sala de aula.

Conforme o pré-indicador do sujeito (L4- QUI): “É uma forma com que essas pessoas sejam inclusas e que possibilite ela aprender da mesma forma que uma pessoa que tenha visão aprenda”.

Camargo (2018, p. 2) afirma que “O trabalho didático-pedagógico em sala de aula, com o comum e o específico entre a diversidade que caracteriza o ser humano, constitui o objetivo da inclusão escolar”.

Nesse viés, a prática profissional do docente envolve vários conhecimentos, dentre eles os adquiridos na sua formação. Sendo assim, a formação dos licenciandos necessita de conhecimentos significativos para que sejam internalizados e que provoque mudanças no fazer docente, enquanto futuros professores.

Nessa perspectiva, Monico, Morgado e Orlando (2018, p. 42) reiteram que “[...] a exigência de novos conhecimentos e o desenvolvimento de novas práticas, diferente do que vinha se desenvolvendo, coloca em xeque o modelo de formação docente homogeneizadora, até então vigente”. Posto que a diversidade é uma característica latente no âmbito educacional, assim não se aplica uma didática engessada.

Nesse contexto, observa-se que os sujeitos participantes da pesquisa no que refere-se à formação docente após a vivência na exposição tátil:

Agora eu tenho muitas [...] dúvidas (L 8, HIS).

A gente percebe o quanto é necessário a nossa presença para possibilitar essa descoberta deles (L 9, PED).

Auxiliar na nossa formação como pessoa que olha para outro, não apenas como uma limitação. A gente tem agora um outro olhar, [...] possa agregar algo para nossa formação (L 12, PED).

Os pré-indicadores apontaram que cada sujeito possui significações diferentes conforme os aspectos sociais, afetivos e cognitivos que os constituem. Como também se constatou que a formação docente inicial é incipiente no que diz respeito à inclusão, partindo desse entendimento

[...] deve-se investir em formação inicial para a educação inclusiva e ao longo de sua carreira, atualizar-se sempre em cursos de formação continuada. Só assim estaremos dando um passo em direção ao atendimento de crianças com deficiências na sala de aula da escola regular (MENDONÇA, 2013, p. 13).

Sendo assim, Nozi e Vitalino (2015, p. 136) acrescentam que,

[...] acreditar no potencial dos alunos e estimular o desenvolvimento deles; ter responsabilidade pedagógica e compromisso com o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos; dispor-se a ressignificar conceitos e práticas; dispor-se a estar em processo contínuo de autoformação, formação continuada ou em serviço; dispor-se à alteridade; ser favorável à Educação Inclusiva e dispor-se a buscar apoio são características que podem ser desenvolvidas e aprimoradas em cursos de formação continuada, tendo em vista que boa parte deles demanda que o professor esteja em uma sala de aula inclusiva, visto que se relacionam com saberes que possibilitam ao professor compreender a referida proposta educacional [...].

De acordo com o exposto anteriormente, a formação docente, sobretudo a inicial, não traz elementos suficientes para a constituição de uma prática pedagógica inclusiva, sendo necessário ter formação continuada focada na inclusão de pessoas com deficiência na sala de aula regular para suprir as lacunas deixadas.

No que tange à deficiência visual, Nunes e Lomônaco (2010, p. 61) acreditam que,

Em decorrência do pouco conhecimento sobre a deficiência visual, os professores frequentemente têm baixa expectativa quanto à aprendizagem do aluno. A crença equivocada da pouca capacidade de aprendizagem do aluno cego prejudica-o muito, uma vez que tende a minimizar as propostas pedagógicas do professor. Outro ponto negativo quanto à educação do cego é a possibilidade do professor, por falta de preparo, adotar procedimentos educacionais tendo, como parâmetro, as formas de aprender do vidente. Em última instância, isso significa a recusa total do professor de encarar a deficiência e perceber suas possibilidades e limitações.

O fragmento anterior vem corroborar que a formação docente inicial não dá subsídios para a constituição de uma prática pedagógica inclusiva, existindo a necessidade de inserir no contexto acadêmico dos alunos de licenciatura saberes específicos no que tange à inclusão de estudantes com deficiência, a fim de minorar os impactos causados pela escassez de conhecimentos nesse aspecto.

Sendo assim, a Exposição Tátil trouxe novas significações para os licenciandos a respeito da utilização de recursos pedagógicos para inclusão de alunos com deficiência visual em suas práticas docentes futuras, trazendo consigo uma nova perspectiva de educação.

[...] podemos dizer que a mudança de paradigma educacional tem ênfase nas possibilidades de aprendizagem do estudante, conseqüentemente isso implica em uma nova significação da prática docente, visto que essa não é estática e vai se reconstruindo nas relações sociais (SANTOS, 2016, p. 206).

A autora supracitada reforça que a prática docente é dinâmica e sabe-se que é um constante aprendizado e, dessa forma, reitera-se que a Exposição Tátil “O mundo em nossas mãos” problematizou na formação dos licenciandos ao

proporcionar uma experiência prática e propor reflexões acerca da inclusão de estudantes com deficiência no âmbito educacional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apontaram que a formação inicial deixa muitas lacunas no que se trata de educação inclusiva e que a exposição tátil trouxe contribuições nesse âmbito, possibilitando aos licenciandos outros olhares acerca das pessoas com deficiência visual e sobre os recursos pedagógicos que possibilitam a participação e a interação de todas as pessoas, independentemente de ter deficiência ou não.

Outro apontamento destacado nos resultados a necessidade de buscar alternativas para superar as lacunas deixadas pelos cursos de licenciatura no que diz respeito à constituição de uma prática pedagógica inclusiva.

Contudo, os estudantes consideraram que a exposição tátil é uma estratégia pedagógica que trouxe elementos que favoreceram a sensibilização e o conhecimento no tocante à inclusão, pois os sujeitos passaram a ter um novo olhar, principalmente para sua prática docente futura.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sérgio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **R. bras. Est. pedag.**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v94n236/15.pdf>> Acesso: 11 mai 2018.

ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira. Sentido pessoal, significado social e atividade de estudo: uma revisão teórica. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 18, Número 2, Maio/Agosto de 2014: 265-272.

CAMARGO, Eder Pires de. Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlaces e desenlaces. **Ciênc. Educ.**, vol.23 no.1 Bauru Jan./Mar. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132017000100001> Acesso em 04 out 2018.

CAPELINNI, Vera Lúcia Messias Fialho. Informação e sensibilização: primeiros passos para a inclusão. Texto Produzido para o curso da Teia do Saber: Curso inicial (2003). Disponível em <http://www.sjp.pr.gov.br/wp-content/uploads/2013/04/Informacao_e_sensibilizacao-primeiros_passos-para_a_inclusao.doc> Acesso: 15 set 2018.

DIAS, Eliane Maria, VIEIRA Francileide Batista de Almeida. O processo de aprendizagem de pessoas cegas: um novo olhar para as estratégias utilizadas na leitura e escrita **Revista Educação Especial**, v. 30, n. 57, jan./abr. 2017 <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X21890>

GONÇALVES, Angélica. Diversidade e inclusão na escola. **XIII Congresso Nacional de Educação. IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação-SIRSSE. VI Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente (SIPD/CÁTEDRA UNESCO)**, 2017. Disponível em <<http://educere.pucpr.br/p35/anais.html?titulo=&edicao=6>> Acesso: 15 set 2018.

GONÇALVES, Sandro Salles. A trajetória de inclusão de um estudante cego em um curso de licenciatura: estratégias pedagógicas, a linguagem Matemática e seus desafios. **Com a Palavra, o Professor**, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 54-76, set. 2017. ISSN 2526-2882. Disponível em: <<http://revista.geem.mat.br/index.php/PPP/article/view/153>>. Acesso em: 03 jun. 2018. doi: <http://dx.doi.org/10.23864/cpp-v2-n1-153>.

MARQUES, Eliana de Sousa Alencar; CARVALHO, Maria Vilani Cosme de. Prática educativa bem-sucedida na escola: reflexões com base em L. S. Vigotski e Baruch de Espinosa. **Revista Brasileira de Educação** v. 22 n. 71 e227169 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782017000400221&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso: 28 mai 2017.

MARTINS, Elizangela Fernandes. Categorias de análise dos significados e sentidos constituídos pelo pedagogo/gestor: uma reflexão necessária. **XII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, III Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE, V Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente (SIPD/CÁTEDRA UNESCO), IX Encontro Nacional Sobre Atendimento Escolar Hospitalar - ENAEH**. 26 a 29 de outubro de 2015, PUCPR, em Curitiba. Disponível em <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20500_10215.pdf>. Acesso: 13 jun 2018.

MENDONÇA, Ana Abadia dos Santos. Escola inclusiva: barreiras e desafios. **Revista Encontro de Pesquisa em Educação**. Uberaba v. 1, n.1, p. 4-16, 2013.

MONICO, Patrícia Aparecida; MORGADO, Liz Amaral Saraiva; ORLANDO, Rosimeire Maria. Formação inicial de professores na perspectiva inclusiva: levantamento de produções. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Número Especial, 2018: 41-48. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v22nspe/2175-3539-pee-22-spe-41.pdf>> Acesso: 14 set 2018.

NOZI, Gislaine Semcovici; VITALIANO, Celia Regina. Saberes necessários ao professor para a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais: implicações no processo de formação desses profissionais. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v.2, n.2, p. 131-144, Jul.-Dez., 2015.

NUNES, Sylvia; LOMÔNACO, José Fernando Bitencourt. O aluno cego: preconceitos e potencialidades. **Revista Semestral da Associação Brasileira de**

Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 14, Número 1, Janeiro/Junho de 2010: 55-64. Disponível em http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/12006/art_LOMONACO_O_alun_o_cego_preconceitos_e_potencialidades_2010.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso: 26 set 2018.

SANTOS, S. D. G. **Docência no processo de inclusão do estudante com deficiência em cursos de Educação Física: Análise do contexto universitário brasileiro e português**. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Alagoas, Maceió. 2016.

SOUZA, Vera Lucia Trevisan de; ANDRADA, Paula Costa de. Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 30(3) | 355-365 | julho - setembro 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v30n3/v30n3a05.pdf>. Acesso: 03 jun 2018.

TASSA, Khaled Omar Mohamad El; CRUZ, Gilmar de Carvalho. Formação docente e inclusão escolar em um curso de Licenciatura em Educação Física. **Revista Educação Especial**. Santa Maria. v. 29, nº 54, pág. 121 - 132. Jan.- Abr. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686x17629> Acesso em 28 maio 2018.